
DO REAL AO IMAGINADO: (RE)INVENÇÃO DE MARIQUINHA FONFON EM NOVA IORQUE-MA

João Antônio de Souza Lira¹

Resumo: Este artigo propõe a reimaginação crítica da trajetória de Mariquinha Fonfon, figura emblemática da cidade de Nova Iorque, no Maranhão, cuja memória sobrevive a despeito das lacunas documentais. Inspirando-se nos pressupostos de reimaginação de Hartman (2020) e apoiando-se em autores como Halbwachs (1990), Douglas (1991), Turner (1974) e Perrot (2005), buscamos reconstruir a vida de Mariquinha a partir de duas versões orais predominantes: a de uma mulher acometida pela hanseníase e a de uma jovem envolvida em um relacionamento amoroso com o prefeito da cidade. A análise evidencia que, embora divergentes, ambas as narrativas atribuem à personagem um papel central no imaginário social da comunidade, operando um processo de ressignificação da dor, da exclusão e da transgressão em elementos constitutivos do sagrado popular. A transferência excepcional de seu corpo durante a inundação da antiga cidade, associada a relatos de fenômenos extraordinários, contribuiu para sua posterior veneração popular como "santa não oficial". Por meio da articulação entre memória coletiva, cultura popular e processos de marginalização, demonstramos que a ausência de documentos formais potencializou a construção de múltiplas versões, refletindo a capacidade de comunidades subalternizadas de reinventar seus próprios símbolos de fé e resistência. A trajetória de Mariquinha Fonfon ilustra, assim, o poder criativo da memória social frente às perdas históricas e materiais, reafirmando a força da cultura popular como espaço vivo de reconstrução identitária.

Palavras-chaves: Memória coletiva; Sagrado popular; Cultura popular, Nova Iorque-Maranhão.

FROM REAL TO IMAGINED: (RE)INVENTION OF MARIQUINHA FONFON IN NEW YORK-MA

Abstract: This article proposes a critical reimagination of the life trajectory of Mariquinha Fonfon, an emblematic figure from the town of Nova Iorque, Maranhão, whose memory endures despite documentary gaps. Drawing inspiration from Hartman's (2020) theoretical framework and supported by authors such as Halbwachs (1990), Douglas (1991), Turner (1974), and Perrot (2005), we reconstruct Mariquinha's life based on two predominant oral versions: that of a woman afflicted by leprosy and that of a young woman involved in a romantic relationship with the town's mayor. The analysis shows that, although divergent, both narratives assign Mariquinha a central role in the social imaginary of the community, operating a process of resignification of pain, exclusion, and transgression into constitutive elements of popular sacredness. The exceptional transfer of her body during the inundation of the old city, along with reports of extraordinary phenomena, contributed to her subsequent popular veneration as an "unofficial saint." Through the articulation of collective memory, popular culture, and marginalization

¹ Mestre em Educação Pela Universidade Federal do Maranhão(UFMA) . Email: joao.lira.antonio@hotmail.com

processes, we demonstrate that the absence of formal documentation enhanced the construction of multiple narratives, reflecting the ability of subaltern communities to reinvent their own symbols of faith and resistance. Mariquinha Fonfon's imagined trajectory thus illustrates the creative power of social memory in response to historical and material losses, reaffirming the strength of popular culture as a living space for identity reconstruction.

Keywords: Collective memory; Popular sacredness; Popular culture, Nova Iorque-Maranhão.

DE LO REAL A LO IMAGINADO: (RE)INVENCIÓN DE MARIQUINHA FONFON EN NUEVA YORK-MA

Resumen: Este artículo propone una reimaginación crítica de la trayectoria de Mariquinha Fonfon, figura emblemática de la ciudad de Nueva York, en el estado de Maranhão, cuya memoria persiste a pesar de las lagunas documentales. Inspirado en los postulados de reimaginación de Hartman (2020) y apoyado en los aportes teóricos de autores como Halbwachs (1990), Douglas (1991), Turner (1974) y Perrot (2005), el estudio busca reconstruir la vida de Mariquinha a partir de dos versiones orales predominantes: una que la retrata como una mujer afectada por la lepra y otra que la presenta como una joven involucrada en una relación amorosa con el alcalde de la ciudad.

El análisis revela que, aunque divergentes, ambas narrativas asignan a la figura de Mariquinha un papel central en el imaginario social de la comunidad, operando un proceso de resignificación del dolor, la exclusión y la transgresión como elementos constitutivos de lo sagrado popular. La excepcional reubicación de su cuerpo durante la inundación de la antigua ciudad, asociada a relatos de fenómenos extraordinarios, favoreció su posterior veneración popular como "santa no oficial".

A través de la articulación entre memoria colectiva, cultura popular y procesos de marginación, se demuestra que la ausencia de documentación formal potenció la construcción de múltiples versiones sobre su vida, reflejando la capacidad de las comunidades subalternizadas para reinventar sus propios símbolos de fe y resistencia. La trayectoria de Mariquinha Fonfon ilustra, en este sentido, el poder creativo de la memoria social frente a las pérdidas históricas y materiales, reaffirmando la vitalidad de la cultura popular como espacio dinámico de reconstrucción identitaria.

Palabras clave: Memoria colectiva; Sagrado popular; Cultura popular, Nova Iorque-Maranhão.

Introdução

Mariquinha Fonfon, como é conhecida na cidade de Nova Iorque, interior do estado de Maranhão, tornou-se uma figura emblemática e envolta em mistérios no que diz respeito à sua vida. Aparece no imaginário social e cultural da cidade como uma mulher que foi reconhecida após sua morte. Seu verdadeiro nome? Não sabemos. Sua idade ao morrer e causa da sua morte? Também um mistério. A lápide que guarda seus restos mortais no cemitério da nova Nova Iorque é silenciosa em detalhes biográficos. Esse mesmo silêncio converte-se em espaço fértil para a imaginação coletiva, que preenche as lacunas com relatos, memórias e mitos, construindo uma figura de veneração espontânea.

O que se sabe é que anos depois de sua morte, no contexto da inundação da cidade de Nova Iorque no ano de 1968 - devido a construção da Hidrelétrica Castelo Branco, também conhecida como Barragem de Boa Esperança do Rio Parnaíba - seu corpo foi exumado, entre centenas de corpos sepultados no cemitério da pequena cidade inundada, e trasladado para o cemitério da nova cidade reassentada. Quanto a esse episódio, há relatos dos moradores antigos da cidade que seu corpo, ao ser exumado, exalou cheiro de rosas e que estava surpreendentemente preservado - fenômeno que intensificou ainda mais sua santificação popular.

Por que o corpo de Mariquinha Fonfon foi transferido enquanto os demais corpos do antigo cemitério foram submersos nas águas do rio Parnaíba? Mariquinha Fonfon, aparece no imaginário popular novaiorquino como uma santa não oficial e seu túmulo tronou-se um lugar de devoção, tal qual um altar para pagadores de promessas. Tranças de cabelos, velas, rosas, fotografias de devotos compõe a ornamentação de seu túmulo.

Busquei entre um arquivo e outro durante a pesquisa para o doutorado em educação – qual me debruço sobre a educação na área inundada de Boa Esperança do Rio Parnaíba no contexto da inundação da cidade de Nova Iorque e transferência dos moradores para a nova cidade de Nova Iorque em 1968 – indícios sobre a vida de Mariquinha Fonfon. Contudo, nenhum documento foi localizado, possivelmente em razão de eventos históricos que comprometeram o acervo documental local. Em 1925, período no qual Mariquinha Fonfon, presumo eu, já tivesse nascido, a Coluna Prestes² incendiou os arquivos públicos da cidade. No ano seguinte, em 1926, uma grande enchente, devido a um excesso no volume de chuva, atingiu a região, destruindo residências, prédios públicos e, por conseguinte, os arquivos remanescentes. Como aponta Bosi (1994), a perda dos registros materiais afeta diretamente a preservação da memória comunitária.

Durante minha pesquisa de mestrado defendida na Universidade Federal do Maranhão, sobre o cenário educacional de Nova Iorque e sua cultura escolar no recorte temporal de 1938 a 1968 (Lira, 2019), realizei entrevistas com pessoas que viveram na cidade de Nova Iorque. Em meio a essas entrevistas, a história do traslado do corpo de

² Tratou-se de um movimento iniciado com o levante tenentista contra o governo brasileiro, decorrente da insatisfação do quadro militar. Sob a liderança dos tenentes Miguel Costa e Luís Carlos Prestes, a marcha visava propagar seu ideário político e estimular novos movimentos revolucionários contra o regime oligárquico vigente. A Coluna Prestes percorreu aproximadamente 25 mil quilômetros, atravessando 11 estados brasileiros. Em 1925, a cidade de Nova Iorque (MA) foi saqueada pelas tropas comandadas por Luís Carlos Prestes, que arrombaram estabelecimentos comerciais, incendiaram arquivos públicos (Coletoria Estadual, Prefeitura Municipal e Cartório do 2º Ofício) e danificaram o aparelho telegráfico. (IBGE, 1956)

Mariquinha Fonfon emergiu como uma memória ainda viva. Duas versões sobre a vida de Mariquinha foram apresentadas. A primeira representando Mariquinha como uma mulher acometida por Hanseníase (culturalmente denominada de lepra naquele contexto histórico) e a segunda como uma prostituta que teve relação com um dos prefeitos da antiga cidade.

Como então pesquisar a vida de Mariquinha Fonfon? Diante da ausência de registros formais sobre a sua vida, a metodologia adotada neste estudo inscreve-se no campo da reimaginação crítica de trajetórias históricas, inspirada nos pressupostos de Saidiya Hartman (2020) que propõe a reimaginação de figuras como Vênus para além dos limites do arquivo da escravidão, conferindo-lhes nome, corpo e vida, mesmo que de modo imaginativo. Nesse sentido, este artigo propõe reconstituir, de forma imaginativa, a vida de Mariquinha Fonfon a partir das duas principais versões de sua trajetória: a mulher acometida pela hanseníase e a mulher que teria mantido um relacionamento amoroso com um prefeito da cidade de Nova Iorque -MA.

Hartman(2020) propõe a reconstituição de existências apagadas ou marginalizadas nos arquivos tradicionais por meio de uma abordagem que combina análise crítica, imaginação ética e rigor interpretativo. Trata-se de um exercício que, longe de buscar "preencher" lacunas com ficções gratuitas, pretende problematizar a própria natureza das ausências documentais e reivindicar o direito das figuras subalternizadas à complexidade e à agência histórica.

Adotando uma postura hermenêutica sensível às tensões entre história, mito e imaginário social, este texto não se propõe a distinguir uma "verdade histórica" entre as versões apresentadas, mas a compreender como no imaginário social da cidade, ainda que divergentes, convergem para a construção de Mariquinha Fonfon como figura simbólica central na cultura local. Ao invés de tratar as lacunas como meras falhas, esta abordagem reconhece nelas espaços de criação de sentido, reafirmando a memória coletiva como um processo dinâmico e permanentemente em disputa.

A metodologia também se apoia na concepção de que a memória popular, especialmente em contextos de apagamento material e de marginalização social, se constrói não apenas por meio da repetição de relatos, mas por sua constante reinvenção em função das necessidades simbólicas de cada geração. A trajetória de Mariquinha Fonfon é, assim, entendida como resultado de um processo contínuo de (re)elaboração

identitária, no qual a dor, a exclusão e a resistência são reconfiguradas como elementos fundantes do sagrado popular

A partir dessa abordagem, assumo a liberdade metodológica de recriar a personagem sob essas perspectivas, tensionando a maneira como tais narrativas podem ter contribuído para sua veneração e para sua incorporação ao imaginário social e cultural da comunidade. Como aponta Halbwachs (1990), a memória coletiva é continuamente reconstruída em função das necessidades e das condições sociais de cada época. Dessa forma, a figura de Mariquinha Fonfon emerge como produto de um processo de elaboração simbólica, no qual a ausência de registros formais potencializa a criação de múltiplas narrativas que buscam preencher o vazio deixado pela história oficial.

Versão 1- Mariquinha Fonfon: a mulher com lepra

Mariquinha Fonfon nasceu na pequena cidade de Nova Iorque no sertão maranhense, entre poeira, calor e rezas. Filha de lavradores pobres, desde pequena ajudava a mãe nas tarefas da casa e o pai no roçado. Era uma jovem bonita, de sorriso aberto e olhos vivos, até que, por volta dos vinte anos, começaram a surgir manchas na pele. No começo, acharam que era "quebra-pedra", um problema de pele comum. Mas logo as feridas se espalharam e o povo começou a sussurrar: "É lepra..."

O medo e o preconceito caíram sobre ela como uma tempestade. No interior, naquela época – início de meados do século XX-, lepra era vista como maldição divina. Não havia cura, apenas o isolamento. A própria família foi forçada a afastá-la. Mariquinha foi viver em um pequeno casebre de barro afastada da cidade, quase no mato. Ganhava roupas e alimentos que lhe deixavam pendurados em varais improvisados, para ninguém ter contato direto.

A solidão foi imensa. Algumas senhoras de alma melhor lhe levavam ervas para tentar curar as feridas e algum caldo quente. A Igreja local pregava que ela deveria pagar seus pecados em vida para ser aceita no céu, aumentando ainda mais o peso da culpa.

Mariquinha, no entanto, era forte. Aprendeu a se virar sozinha: plantava, costurava, criava galinhas. Vivia dos pequenos favores e da resistência. Mas a dor do preconceito era tão grande quanto a da doença: nunca mais pôde ir à festa do padroeiro da cidade: Santo Antonio, nunca mais dançou um forró no clube União Artística, nunca mais foi chamada para uma roda de conversa.

Apesar de tudo, Mariquinha se manteve digna. Sua história virou lenda: uma mulher esquecida pela cidade, mas lembrada nas histórias de superação e resistência. Quando morreu, o povo dizia que, na última noite, se ouviu uma música longe, no meio do mato como se Deus festejasse sua chegada aos céus.

Versão 2- Mariquinha Fonfon: A amante do prefeito

Nesta outra vida, Mariquinha Fonfon era uma mulher formosa, de cabelos escuros e voz macia. Morava no centro da vila, onde seu sorriso era conhecido por todos. Apesar de humilde, chamava a atenção dos homens com sua beleza e esperteza. Foi assim que, aos 19 anos, cruzou os olhos com o prefeito da cidade, um homem bem mais velho, casado, mas poderoso.

O romance começou nas sombras: encontros rápidos em noites de festa, cartas escondidas no balaio de mandioca, promessas sussurradas ao pé da orelha. O prefeito lhe prometia mundos: uma casa melhor, vestidos vindos de São Luís, até mesmo um pedaço de terra.

No entanto, ser amante, naquela época e naquele lugar, era carregar um fardo pesado. O povo, mesmo sem falar diretamente, cochichava. As mulheres a olhavam torto; os homens, alguns com desejo, outros com desprezo. Mariquinha era ao mesmo tempo invejada e repudiada.

Ela não podia se casar — nenhum homem "de bem" queria uma mulher "manchada". O prefeito nunca a assumiria publicamente. Seus filhos, se viesse a tê-los, seriam filhos da vergonha. Ainda assim, Mariquinha gozava de pequenos privilégios: recebia tecidos finos, tinha uma casa um pouco maior, comida melhor. Mas sua liberdade era limitada.

Tinha que ser discreta, sorrir pouco, aceitar a solidão. Às vezes, o prefeito sumia por semanas, e ela não podia cobrar. À noite, Mariquinha olhava o céu estrelado e se perguntava se, no fundo, ela era amada ou apenas usada. Apesar de tudo, Mariquinha construiu sua vida com a coragem que pôde. Quando o prefeito envelheceu e perdeu o poder, ela já tinha juntado algum dinheiro e abriu uma pequena venda na vila. Nunca se casou, mas era respeitada, em silêncio. As más línguas nunca cessaram, mas ela já não ligava: havia escolhido viver à sua maneira, num tempo em que mulheres raramente podiam escolher.

Entre a dor e a transgressão: A construção simbólica de Mariquinha Fonfon

As duas versões sobre a vida de Mariquinha Fonfon, como mulher acometida pela hanseníase e como amante de um prefeito, ainda que divergentes em seus detalhes, convergem para uma compreensão comum: a de que ela ocupa uma posição liminar no imaginário social da cidade de Nova Iorque. Em ambas as narrativas, Mariquinha é uma figura marginalizada: ora pelo estigma da doença, ora pela transgressão das normas morais. Essa marginalidade, longe de implicar esquecimento, é justamente o que possibilita sua posterior sacralização popular.

Segundo Maurice Halbwachs (1990), a memória coletiva não é uma simples reprodução do passado, mas uma reconstrução contínua realizada em função das necessidades e das dinâmicas sociais presentes. A história de Mariquinha Fonfon ilustra com clareza essa dinâmica: à medida que a comunidade de Nova Iorque enfrentava rupturas históricas, como a destruição da cidade pela inundação, emergia a necessidade simbólica de figuras que encarnassem resistência, pureza e transcendência. Mariquinha, nesse contexto, oferecia o suporte perfeito para esse processo de reelaboração da identidade coletiva.

A primeira versão apresentada sobre Mariquinha Fonfon a descreve como uma mulher acometida pela hanseníase, doença que historicamente carrega forte estigma social. De acordo com Douglas (1991), as noções de pureza e perigo moldam a maneira como determinadas doenças são percebidas e vivenciadas socialmente, associando o doente à marginalidade. Nesse contexto, Mariquinha, enquanto leprosa, seria não apenas excluída do convívio social, mas também situada em uma posição liminar entre a vida e a morte, o profano e o sagrado. Sua posterior veneração pode ser interpretada como um processo de ressignificação da dor e do sofrimento: o corpo marginalizado em vida torna-se, após a morte, objeto de reverência e de mediação com o divino.

Nessa versão, Mariquinha é situada naquilo que Victor Turner (1974) denomina de espaço liminar, ou seja, uma posição de fronteira entre a sociedade e sua exclusão, entre o profano e o sagrado. Turner argumenta que os liminares, embora marginalizados em um primeiro momento, possuem potencial para serem revalorizados socialmente como mediadores de transformação. A trajetória de Mariquinha, de mulher doente e

isolada a santa popular venerada, exemplifica precisamente esse processo de inversão simbólica.

A santificação popular de Mariquinha, sob essa ótica, estaria relacionada à construção simbólica da inocência e da pureza moral atribuída a figuras historicamente subalternizadas. Como observa Turner (1974), o limiar é também um espaço de potência, onde a transformação social pode ocorrer. Dessa forma, a dor física e social vivida por Mariquinha seria convertida em um símbolo de resistência e transcendência espiritual, legitimando sua posição como figura sagrada no imaginário local.

Já na versão que a apresenta como amante do prefeito, Mariquinha desafia as convenções morais e de gênero de sua época. A associação entre mulheres transgressoras e figuras de sacralidade popular não é incomum. Michelle Perrot (2005) observa que a história frequentemente reabilita, de forma simbólica, aquelas figuras que foram duplamente oprimidas — por serem mulheres e por romperem as expectativas sociais. Ao ser lembrada e venerada, Mariquinha transcende o papel marginal a que fora relegada em vida, transformando sua história pessoal em símbolo de resistência e de autonomia feminina.

Mary Douglas (1991), em sua obra sobre pureza e perigo, enfatiza que as categorias de poluição social são construídas para manter as fronteiras sociais e culturais. Tanto a hanseníase quanto a condição de amante representam, sob perspectivas diferentes, ameaças simbólicas à ordem estabelecida. Entretanto, a posterior transformação de Mariquinha em figura sagrada demonstra como, paradoxalmente, a mesma sociedade que a excluiu em vida passou a reivindicá-la como protetora espiritual, invertendo o sentido de sua marginalidade.

Assim, a memória de Mariquinha Fonfon opera um movimento dialético: da dor à veneração, da transgressão à santificação. Sua trajetória imaginada revela não apenas a violência simbólica sofrida pelas figuras liminares, mas também a capacidade das comunidades de ressignificar o sofrimento como fundamento de sua própria coesão social.

Em última instância, Mariquinha Fonfon torna-se, para a comunidade de Nova Iorque, um símbolo daquilo que Bosi (1994) chama de "resistência da memória", ou seja, um esforço coletivo para, frente ao apagamento material e histórico, preservar, reconstruir e celebrar uma identidade popular profundamente enraizada no afeto, na fé e na imaginação.

Considerações finais

Nos sertões do Maranhão
 Onde o vento faz canção
 Viveu moça destemida,
 Mariquinha, a fonfon,
 Apelidada por sua risada
 Que fazia de sua vida dura
 Encanto para ser encantada.

Uns diziam: "É doente!"
 Outros: "É mulher de gente!"
 De um coronel mandachuva.
 Mas Mariquinha, a coitada,
 Foi desprezada, humilhada,

Com lepra foi rejeitada
 Feita sombra no sertão
 Foi trancafiada.
 Mas nem a dor nem a mágoa,
 Nem o sal da própria lágrima
 Apagaram seu coração.

Noutra história bem contada,
 Foi amante apaixonada,
 Do prefeito, homem mandão.
 Ganhou casa e roupa fina,
 Mas vivia na neblina
 De promessas e ilusão.

Quando a morte enfim chegou,
 Mariquinha descansou
 Numa cova sem enfeite.
 Mas o povo se espantou
 Quando o túmulo exalou
 Um perfume tão perfeito!

Era cheiro de jardim,
 Rosa branca e alecrim,
 Que no ar se derramou.
 O povo, então, entendeu:
 Mariquinha mereceu
 Muito mais do que ganhou!

Hoje em dia é lembrada,
 Pelas bocas sussurrada,
 Em prece de compaixão:
 "Mariquinha, flor sofrida,
 Intercede em nossa vida,
 Protege nosso chão!"³

³ Cordel criado pelo autor deste texto, João Antonio de Sousa Lira, inspirado nas versões sobre a vida de Mariquinha Fonfon.

A trajetória de Mariquinha Fonfon, reconstruída a partir da reimaginação crítica das narrativas orais e das lacunas documentais, revela a potência simbólica da memória coletiva no processo de reinvenção do sagrado popular. Seja como mulher acometida pela Hanseníase, vítima do estigma social e da exclusão física, seja como amante transgressora das normas morais, Mariquinha emerge como figura liminar, situada na fronteira entre o humano e o divino, entre a dor e a transcendência.

A partir dos aportes teóricos de Halbwachs (1990), Turner (1974), Douglas (1991), Perrot (2005) e Hartman (2020), compreendemos que a memória não é uma simples reprodução do passado, mas uma reconstrução orientada pelas necessidades simbólicas das comunidades. Em contextos de perdas materiais intensas, como o provocado pela inundação de Nova Iorque do Maranhão na década de 1960, a necessidade de criar e preservar figuras simbólicas torna-se ainda mais urgente, funcionando como estratégia de resistência cultural frente ao esquecimento e ao apagamento histórico.

Mariquinha Fonfon, ao ser reimaginada como santa popular, sintetiza os anseios de sua comunidade por reconhecimento, justiça e transcendência. Sua memória, cuidada no ornamento de seu túmulo, nas promessas pagas em seu nome e nas histórias sussurradas entre gerações, constitui uma poderosa forma de resiliência identitária.

Ao longo do Brasil, outras figuras de santas e santos populares evidenciam que, para além dos cânones oficiais da Igreja ou dos registros históricos formais, há um vasto território simbólico em que a fé popular transforma a dor em sacralidade, e a marginalidade em heroísmo silencioso.

Reimaginar Mariquinha Fonfon, portanto, não é apenas um exercício de criatividade acadêmica: é, sobretudo, um ato de justiça histórica e simbólica, uma tentativa de devolver voz, corpo e dignidade a uma mulher cuja vida, seja qual tenha sido seu curso, continua a inspirar afetos, resistências e esperanças.

Ao reconstruir sua trajetória com base nas lacunas, nos silêncios e nas invenções da memória coletiva, reafirmamos o poder da cultura popular de criar seus próprios marcos sagrados, marcos que sobrevivem ao tempo, às águas e ao esquecimento institucional, florescendo na persistência do imaginário social.

Mariquinha Fonfon permanece, assim, não apenas como memória, mas como presença viva no tecido simbólico de Nova Iorque do Maranhão: um elo entre passado e futuro, entre o sofrimento e a redenção, entre a humanidade e o sagrado.

Referências

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: um estudo das noções de poluição e tabu*. Lisboa: Ed. 70, 1991.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020. DOI: [10.29146/eco-pos.v23i3.27640](https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: Maranhão*. Rio de Janeiro: IBGE, 1956. p. 238.

LIRA, João Antonio de Sousa. *Das margens à submersão: cenário educacional de Nova Iorque - MA e sua cultura escolar (1938-1968)*. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

.